

DF possui economia forte num solo frágil

O DF possui hoje uma economia razoavelmente forte, mas assentada num solo frágil e que vem sendo rapidamente degradado. A constatação faz parte de uma ampla análise do diretor-técnico da Companhia de Desenvolvimento do Planalto (Codeplan), Paulo Timm, a partir da comparação de números de nossa economia e da situação em que se encontra o meio ambiente no DF.

A análise revela que a economia do DF já representa dois por cento do Produto Interno Bruto (PIB) do País, ou algo entre seis e oito bilhões de dólares. "Mas se vários fatores se projetam como francamente favoráveis à montagem de uma economia forte no DF, onde 1,24 por cento da população nacional, num território correspondente a 0,07 por cento do País, contribui com 2,0 por cento do PIB, com uma taxa de variação anual de 46,48 por cento contra 16,60 do Brasil, o mesmo não se pode dizer do patrimônio natural sobre o qual se assenta este processo", ressalta Paulo Timm.

Estudos sobre ocupação do solo feitos pela Codeplan desde 1988 e com base em imagens de satélite demonstram que está havendo uma rápida degradação do meio ambiente no DF. Segundo estes estudos, temos 49 por cento de áreas naturais contra 51 por cento de áreas ocupadas ou degradadas. "Vários trabalhos técnicos já concluíram que Brasília está erigida sobre uma superfície geológica extremamente frágil e com uma dotação hídrica escassa", atesta Timm. Para ele, todos estes trabalhos demonstram que a área urbana do DF se expande com muita rapidez, onerando o custo dos investimentos públicos em infra-estrutura e exigindo cuidados técnicos com o meio ambiente cada vez maiores.

Neste panorama, Timm acredita que dois importantes desafios ameaçam a qualidade de vida urbana em Brasília e a continuidade de seu desenvolvimento econômico. "O primeiro diz respeito à erosão, que tenderá a comprometer

Comparação do PIB/HAB

Ano: 1989			
País (1)	PIB Total US\$ Bilhões	População	PIB/HAB US\$ 1,00
Brasil	297,726	147.404.000	2.019,8
México	197,725	86.740.000	2.279,5
Argentina	75,151	31.929.000	2.353,7
Venezuela	52,340	19.246.000	2.736,2
Colômbia	44,565	32.961.000	1.379,0
Chile	32,740	12.961.000	2.526,1
Peru	18,917	21.113.000	896,1
Equador	14,070	10.327.000	1.362,5
Rep. Dominicana	8,237	7.019.000	1.173,6
Guatemala	7,122	8.935.000	797,2
Uruguai	6,936	3.077.000	2.254,1
Distrito Federal (2)	6,252	1.864.200	3.354,0
Paraguai	5,388	4.158.000	1.295,9
Haiti	5,087	6.381.000	211,2
Costa Rica	4,292	2.941.000	1.459,6
Bolívia	4,207	7.000.000	601,0
Panamá	3,462	2.370.000	1.460,7
El Salvador	3,345	5.138.000	651,1
Honduras	3,030	4.982.000	608,2
Nicarágua	1,816	3.745.000	484,9

Obs: (1) Não inclui os países do Caribe
(2) Estimativa para 1990
Dados trabalhados pela Codeplan

ter a estrutura física da cidade. O segundo é a insuficiência de mananciais hídricos, ainda por cima ameaçados pela degradação, que forçará a captação a custos cada vez mais altos, com sequelas, sobretudo por seu uso para fins produtivos".

Renda elevada — Com quase 900 mil pessoas economicamente ativas, numa população de dois milhões de habitantes, o DF detém hoje um PIB por habitante (renda **per capita**) altíssimo, em comparação com os índices da América Latina (veja quadro). De acordo com os dados tabulados pela Codeplan, a renda anual do brasileiro é de três mil 354 dólares. A mesma fonte indica que o PIB por habitante no Brasil é de cerca de dois mil dólares.

Em sua análise, o técnico da Codeplan, afirma que "a rapidez da ocupação de Brasília, até aqui, foi um fato decisivo da estrutura-

ção de sua trama social e econômica e que lhe proporcionou um papel invejável na economia regional e com amplas perspectivas". Ele chegou à conclusão que a população da cidade evoluiu com base em mecanismos de inserção urbana muito diferenciado, gerando uma sociedade de classes com assalariados, públicos e privados, autônomos, pequenos proprietários e grandes grupos econômicos.

Paulo Timm aponta a educação como outro fator que altera o perfil do contingente populacional do DF, dotando-o de maior iniciativa e capacidade. "O DF possui 60 mil matrículas universitárias, este número chega a aproximadamente 25 por cento dos jovens com idade entre 19 e 24 anos. Esta mesma porcentagem no Brasil é de 11 por cento, enquanto que nos Estados Unidos atinge 65 por cento e na Coreia do Sul, 95 por cento".